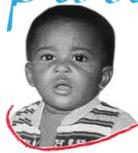


Educação é instrumento para combater preconceitos e desenvolver talentos.



MAÍRA AZEVEDO
repórter

VANGUARDA

A LEI 10.639/03 COMPLETOU 11 ANOS. SALVADOR FOI A PRIMEIRA CAPITAL DO PAÍS A COLOCÁ-LA EM PRÁTICA DEPOIS DE AÇÕES PARA PREPARAR PROFESSORES E REUNIR MATERIAL DIDÁTICO

Em 9 de janeiro de 2003, o então presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou a Lei 10.639/03. Ela determinou que o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira se tornasse obrigatório em todas as escolas do país.

A iniciativa abre a possibilidade

de conhecer a contribuição dos povos africanos e seus descendentes para a formação da nossa nação, o que ficava às vezes esquecido nos livros didáticos.

“Além do próprio racismo, o principal entrave era a falta de formação dos professores”, diz a

professora Darci Xavier, que ajudou Salvador a se tornar a primeira capital do país a cumprir a lei, em 2005. Darci conta que, para conseguir adotar a lei, foi necessário oferecer cursos de formação para os professores e criar os materiais didáticos.

Nessa época, Olívia Santana, pedagoga e ativista do movimento negro, foi secretária municipal de Educação. Ainda faltam ajustes, mas Salvador tem escolas que são referência na aplicação da lei, como a Eugênia Anna dos Santos, a Mãe Hilda e a

Parque São Cristóvão.

Esse tipo de ação torna a educação mais forte. Isso é importante para que as crianças desenvolvam seus talentos, como aconteceu com as personalidades que aparecem nas fotografias abaixo em seu tempo de escola.

PARQUE SÃO CRISTÓVÃO

É o cotidiano dos 650 alunos da Escola Municipal Parque São Cristóvão que serve de material para os assuntos trabalhados em sala de aula. Desta forma, as crianças demonstram maior interesse. Desde o ano 2000 a escola tem como referência para o seu projeto pedagógico a história do negro brasileiro e a sua contribuição ao Brasil. A escola já foi premiada nos Estados Unidos e em 2006 ganhou o prêmio de melhor gestão. Foi também considerada a 2ª melhor escola do Brasil e a 1ª do Nordeste.

Escolas exemplares

MÃE HILDA

O foco na autoestima da criança negra sempre fez parte do projeto pedagógico da Escola Mãe Hilda, que nasceu na mesma época que o bloco afro Ilê Aiyê e funcionava nas dependências do terreiro Ilê Axé Jitolu, na Liberdade. “Quando saíu a Lei 10.639, já trabalhávamos a história africana em sala de aula”, explica Hidelice dos Santos, diretora da unidade. A instituição atende 240 alunos e conta com um material pedagógico exclusivo. A escola não é religiosa, mas educa para o combate da intolerância com base na diferença de crença.

EUGÊNIA ANNA DOS SANTOS

Mitos africanos, noções de estética negra. Para os 350 alunos da escola municipal, os temas fazem parte da sua rotina. Funcionando dentro do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá (São Gonçalo do Retiro), a escola é fruto de um desejo da primeira ialorixá do templo, mãe Aninha, que sempre afirmou querer ver seus “filhos com anel no dedo aos pés de Xangô [seu orixá]”. Com o projeto pedagógico Irê Aiyô (caminho da felicidade), a unidade fomenta a autoestima e a busca pelo conhecimento.

Seque@s querreir@s

Conheça a infância de pessoas que lutaram contra o racismo no Brasil

ABDIAS, O APRENDIZ DE EKÓ ILÊ

“Um dia um griot nascido nas terras africanas de Ilê Ifé, a cidade sagrada dos nossos ancestrais, nos falou sobre Ekó Ilê. Ele disse que Ekó Ilê é aquela primeira lição que aprendemos em casa, com nossos mais velhos, antes mesmo de irmos para a escola. Pois bem. Hoje vamos falar sobre a primeira lição que o nosso menino Abdias aprendeu com sua mãe, a linda e doce dona Josina...”

Saiba mais detalhes dessa história contada por Lindinalva Barbosa, educadora e mestre em linguagens. Você encontra essa e outras belas histórias no [blog Mundo Afro \(www.mundoafro.atarde.com.br\)](http://www.mundoafro.atarde.com.br)

Educação revelou estrelas

[Mariene de Castro] cantora

Estudei numa escola de freira e sofri muita discriminação por conta do meu cabelo e minha cor. Uma das irmãs me mandou voltar para casa diversas vezes para cortar o cabelo ou prendê-lo. Eu tinha medo dela e me escondia quando a escutava tocando o sino. Como sempre tive cabelo muito volumoso, minha mãe o mantinha bem curto. Com um microfone em mãos, a irmã (diretora da escola) chamava atenção e retirava fita do Senhor do Bonfim dos braços das meninas. Eu nunca tinha exposto essa situação, mas hoje acho válido, pois, em pleno século XXI, ainda vivenciamos abuso contra negros.

[João Jorge] presidente do Olodum

Estudei na Escola Parque, um grande colégio, na década de 60. Me lembro de meu pai ter ido me buscar na escola no dia 31 de março de 1964, em pleno golpe militar. Recebi uma educação de qualidade. A maioria dos meus colegas era negros e mestiços. Éramos a maioria, e a discriminação racial não passava pela gente por isso. A minha percepção do racismo se deu a partir dos 8 anos, quando percebi que os monumentos da cidade eram apenas de brancos, queria saber por que não tinha alguém parecido comigo. Se eu tivesse visto essas referências, teria uma infância ainda mais positiva.

[Jaime Sodré] historiador e professor

Desde cedo fui muito interessado em leitura, desenho e pintura. Ganhava muitos prêmios como desenhista. Um dos mais importantes foi o que ganhei da Biblioteca Infantil Monteiro. Recebi um estojo de pintura dado pela bibliotecária Denise Tavares. Estudei na Escola Getúlio Vargas, no Barbalho. Ela funcionava dentro do Instituto Normal da Bahia. Lá eu ganhei muitas tintas para fazer os meus desenhos. Meu avô era professor e meu pai também. Minha tia Regina era diretora do Colégio Azevedo Fernandes. Ela me incentivava muito a estudar. Depois segui a profissão de desenhista, com a qual ganhei meu primeiro salário. Minha infância foi dividida em estudar, praticar esporte e desenhar. Também tive contato desde cedo com a religiosidade de matriz africana e desenhava orixás. Uma vez recebi uma encomenda para desenhar um caboclo. Essa fotografia é da minha formatura no Jardim de Infância. Eu tinha sete anos, e quando terminava esse curso podia escolher, de forma simbólica, a profissão. Eu quis ser professor, coleí grau de beca e ganhei até anel que tinha uma pedra azul. Mais tarde acabei virando professor e de desenho. Sou muito feliz por saber desenhar. Além disso, minha família tem muitos professores, como tia Regina, que era a única negra da turma de 22 professoras.

[Mãe Stella] ialorixá

Estudei na Escola Nossa Senhora Auxiliadora, cuja proprietária era a professora Anfrísia Santiago. Eu era a única negra de minha sala e em toda a escola só estudavam três negras. Se o preconceito sobre minha cor existia, eu não o senti. É claro que se deve levar em conta o período histórico. Minhas colegas gostavam muito de mim e encontraram uma forma delicada, ingênua e pertinente para a época. Elas diziam: Stella, você não é preta, você é marrom. Eu sentia como carinho. Hoje, entendo como processo histórico. A sociedade evoluiu, não no ritmo que queremos, mas no que ela suporta.



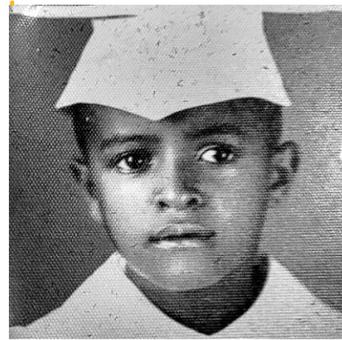
[Carlinhos Brown] músico

No meu tempo, a expectativa era a de que a escola não existia para a gente. Meu professor me ensinou a ter esta percepção e me conduziu para os meus desejos próprios. Fico feliz de ver um movimento de que participo há 30 anos ser um êxito e ter se voltado à educação. Hoje o mundo nos reverencia como a maior sala de aula de rua em termo de educação musical. Se nós estamos falando de escola, vamos encontrar no legado de Neguinho do Samba, Edgard Santos, Aderbal Duarte, Sérgio Souto, Escola Pracatum, Projeto Axé, Ilê Aiyê, Malê Debalê e outros. Nessa escola serei eternamente aluno.



[Margareth Menezes] cantora

Não me lembro de ter sofrido preconceito na infância. Minha família vem de Ilha de Maré, onde, recentemente, descobri por meio do livro “Um defeito de cor”, de Ana Maria Gonçalves, que era um dos esconderijos daqueles que conseguiam fugir da escravidão. Não havia na nossa família nenhum tipo de diferenciação entre negros ou brancos. Meus pais não nos ensinaram a viver com recalques, muito pelo contrário, fomos criados interagindo com as pessoas, independentemente de cor da pele. Eu particularmente era tímida, mas gostava de brincar e participar das atividades. Morei a vida toda na beira do mar, na Península de Itapagipe, em vários bairros. Na escola, eu e meus irmãos tivemos professores brancos e negros. Tinha uma professora negra – a professora lêda – que era muito querida por todos. Esse questionamento de racismo quando não ensinado não existe no mundo da criança. Graças a Deus, não tenho lembranças de ter sofrido racismo na minha infância. Aprendi a acreditar na possibilidade de viver em paz com todos, e é isso que acho importante: lutar contra a discriminação racial em todos os lugares. Compartilhar a vida é possível, o que diferencia um ser humano é a qualidade das suas ações.



[Valmir Assunção] deputado

Eu estudei em uma escola que ficava dentro da fazenda de um vizinho dos meus pais. Não era uma escola tradicional e a professora era voluntária. Andava cerca de 2 km para chegar lá. Depois fui para uma escola municipal, já em Nova Alegria (Itamaraju), e a distância passou para 6 km. A escola era simples, sofria dificuldades e os alunos eram pobres, a grande maioria negros e negras. Depois de crescer que a questão racial se expressou de maneira mais forte na minha vida. Vi que o racismo também é o responsável pela imposição da pobreza e da subversão.



[Olívia Santana] pedagoga

Eu gostava de estudar. Mas ficava chateada com os concursos de rainha do milho, pois as meninas negras não eram escolhidas. Chorava com os apelidos quando eu ia com um lenço, porque nem sempre eu tinha dinheiro para espichar o cabelo. Mas meu bairro me fortalecia. Tinha o terreiro de mãe Felicidade, que era respeitado e ponto de encontro dos jovens independente da religião. Um dia, quando fiz 15 anos, parei de alisar o cabelo e passei a usar black e nunca mais recuei diante do racismo. Aprendi a afirmar minha condição de mulher, negra, de ser humano capaz e muito mais feliz.